

REVERIES EM SOM by BENJI KAPLAN

Featuring Anne Drummond

Benji Kaplan é um violonista e compositor norte-americano especializado em música brasileira instrumental. Domina - como poucos - a linguagem do choro, respeitando seus fundamentos e atualizando-os para as conquistas melódico-harmônicas das últimas décadas.

Em suas composições é possível notar a sólida formação amadurecida em performances no cenário jazzístico nova-iorquino e em seus estudos na *New School for Jazz* (NY) e, nesse viés, seu olhar particular para a música brasileira. Os ecos de Nazareth, Caymmi, Chico Buarque e Jobim aparecem como referência, nunca como regra. Seu estilo é claro e particular e como violonista, procura se alinhar muito mais às escolas e técnicas de dedilhado brasileiras - como as de Baden Powell, Marco Pereira e Paulo Belinatti entre outros - do que aos caminhos de execução do instrumento com palheta, mais comuns à música norte-americana.

“...é o melhor compositor de música Brasileira que eu já vi nos Estados Unidos...” - disse Guinga, ao ouvi-lo.

Completando em 2015 trinta anos de idade, Benji lança agora seu segundo álbum, *REVERIES EM SOM* com composições próprias que interpreta ao violão acústico em duetos com a flautista Anne Drummond, natural de Seattle.

O álbum abre com “Em todo lugar”, um choro-bossa com frases cromáticas, contornos angulosos e perfis melódicos descendentes, que uma vez expostos - na maioria das vezes - são imediatamente repetidos, permitindo assim que o artesanato fino da verve criativa de Kaplan seja fluentemente apreendido ainda em uma primeira escuta. E esse jogo entre informação e redundância será cuidadosamente observado por Benji, no desenrolar de todo o CD.

Outras afinidades entre opostos são ouvidas já na faixa 2, “Jardim das delicias”, numa sonoridade que remete a Baden e Guinga, em busca de uma justa combinação de engenhosidade com lirismo, de virtuosismo com expressividade.

Em “Remembering Gershwin”, o “sotaque” americano passa para o primeiro plano, com citações de fragmentos de canções, especialmente de “It ain't necessarily so” da ópera *Porgy and Bess*. Mas o que se procura construir é muito mais uma fusão desse universo com a ambiência das modinhas e serestas brasileiras do início do século XX, como que redesenhando uma hipotética parceria Pixinguinha/Ellington. Nessa execução, Benji entrega a melodia principal à flauta, abrindo espaço para preciosas respirações, conversas e contracantos.

Pouco a pouco e faixa a faixa, Benji Kaplan vai montando seu mosaico de costuras finas, cores e melodias cantáveis seguidas de saltos impensáveis a procura de novas paisagens. Apesar da “língua vigente” ser a do choro, há sempre algo de particular em seu swing, que sem deixar de soar brasileiro incorpora algumas soluções inesperadas, talvez uma herança da rítmica cubana de sua ascendência por parte de pai. Por outro lado, suas surpresas harmônicas evocam o lado europeu materno, a Áustria de Schubert, Liszt e Joe Zawinul.

O espaço da poeticidade musical de Benji Kaplan procura fazer-se evidente também quando o ritmo não é marcado, como na delicada “Rhapsody in you”; nesses momentos nota-se ainda mais o brilho aveludado do som da flauta, na interpretação *cantabile* de Anne Drummond (que tem em seu currículo participações com a *Lincoln Center Jazz Orchestra* de Wynton Marsalis). Com seu sobrenome de poeta brasileiro, Anne Drummond parece intuitivamente saber revelar rimas, métricas e assonâncias ocultas de um Brasil distante no espaço, mas totalmente imerso em sua essência mais peculiar na dicção instrumental da música de Benji .

Singeleza e expressividade são a tônica da proposta, seja na breve “Diga a verdade” (choro lento), ou nos espelhos e reflexos - entre flauta em violão - sugeridos já no título de “Lua Nua”.

Não se trata, portanto, de um álbum de jazz no sentido em que se privilegia a abertura para improvisações, ainda que a improvisação seja tomada aqui como uma, entre diversas outras estratégias utilizadas nos processos de criação dos arranjos. Uma vez definidos os caminhos e as nuances dos diálogos entre flauta e violão, a execução toma forma como peças “quase escritas”, explorando as ricas fronteiras em que a arte “americana” (seja do sul ou do norte) quer se reelaborar em novas formulações.

E há também a exploração mais característica de outros ritmos, como a bem-humorada “Baião capenga”, a “Valsa vagabundo” e a *habanera* “Andando pela madrugada”.

REVERIES EM SOM termina docemente com a homenagem “Salute to Armstrong”.

Um álbum para ouvir. E imaginar!